

## ***O Velho da Horta*** **de Gil Vicente**

Figuras: Um Velho, Uma Moça, Um Parvo, criado do velho; Mulher do velho; Branca Gil, Uma Mocinha, Um Alcaide, Beleguins.

*A seguinte farsa, é o seu argumento, que um homem honrado e muito rico, já velho, tinha uma horta; e andando uma manhã por ela espairecendo, sendo o seu hortelão fora, veio uma moça de muito bom parecer buscar hortaliça, e o velho em tanta maneira se namorou dela, que per via de uma alcoviteira gastou toda a sua fazenda. A alcoviteira foi açoutada, e a moça casou honradamente. Foi representada ao mui sereníssimo Rei Dom Manuel o primeiro deste nome, era do Senhor de 1512.*

*Entra o velho pela horta, rezando.*

VELHO – *Pater noster* criador,  
*Qui es in coelis* poderoso,  
*Sanctificetur*, Senhor,  
*Nomen tuum* vencedor,  
nos céus e terra piedoso.  
*Adveniat* a tua graça,  
*Regnum tuum* sem mais guerra;  
*Voluntas tua* se faça  
*Sicut in coelo et in terra.*  
*Panem nostrum*, que comemos,  
*Quotidianum*, teu é;  
escusá-lo não podemos:  
inda que o não merecemos,  
*Tu da nobis hodie.*  
*Dimitte nobis*, Senhor,  
*Debita* nossos errores,  
*Sicut et nos*, por teu amor,  
*Dimittimus* qualquer error  
aos nossos devedores.  
*Et ne nos*, Deus, te pedimos,  
*Inducas* per nenhum modo  
*In tentationem* cáímos;  
porque fracos nos sentimos,  
formados de triste lodo.  
*Sed libera* nossa fraqueza,  
*Nos a maio* nesta vida.  
*Amen* por tua grandeza,  
e nos livre tua alteza  
da tristeza sem medida.

*Entra a Moça na horta e diz o*

VELHO – Senhora, benza-vos Deus.

MOÇA – Deus vos mantenha, Senhor.

VELHO – Onde se criou tal flor?

Eu diria que nos céus.

MOÇA – Mas no chão.

VELHO – Pois damas se acharão,  
que não são vosso sapato.

MOÇA – Ai! como isso é tão vão,  
e como as lisonjas são  
de barato.

VELHO – Que buscais vós cá, donzela,  
senhora, meu coração?

MOÇA – Vinha ao vosso hortelão  
por cheiros pera a panela.

VELHO – E a isso  
vindes vós, meu paraíso,  
minha senhora, e não ai?

MOÇA – Vistes vós! Segundo isso,  
nenhum velho não tem siso  
natural.

VELHO – Ó meus olhinhos garridos!  
Minha rosa! meu arminho!

MOÇA – Onde é o vosso ratinho?  
Não tem os cheiros colhidos?

VELHO – Tão depressa  
vindes vós, minha condessa,  
meu amor, meu coração?

MOÇA – Jesu! Jesu! que cousa é essa?  
E que prática tão avessa  
da razão!

Falai, falai d'outra maneira:  
mandai-me dar a hortaliça.

VELHO – Grão fogo d'amor m'atiça,  
ó minha alma verdadeira!

MOÇA – E essa tosse?

Amores de sobreposse  
serão os da vossa idade:  
o tempo vos tirou a posse.

VELHO – Mais amo, que se moço fosse  
com ametade.

MOÇA – E qual será a desestrada,  
que atende em vosso amor?

VELHO – minh'alma e minha dor,  
quem vos tivesse furtada!

MOÇA – Que prazer!

Quem vos isso ouvir dizer  
cuidará que estais vós vivo,

ou que sois pera viver.

VELHO – Vivo não no quero ser,  
mas cativo.

MOÇA – Vossa alma não é lembrada  
que vos despede esta vida?

VELHO – Vós sois minha despedida,  
minha morte antecipada.

MOÇA – Que galante!  
Que rosa! que diamante!

Que preciosa pena fina!

VELHO – Ó fortuna triunfante!

Quem meteu um velho amante  
com menina!

O maior risco da vida,  
e mais perigoso, é amar;  
que morrer é acabar.

e amor não tem saída.

E pois penado.

ainda que seja amado,  
vive qualquer amador;  
que fará o desamado,  
e sendo desesperado  
de favor?

MOÇA – Ora dá-lhe lá favores!

Velhice como te enganas!

VELHO – Essas palavras ufanas  
acendem mais os amores.

MOÇA – Ó home! estais às escunas;  
não vos vedes como estais?

VELHO – Vós me cegais com tristuras,  
mas vejo as desaventuras  
que me dais.

MOÇA – Não vedes que sois já morto,  
e andais contra natura?

VELHO – Ó flor da mor fermosura,  
quem vos trouxe a este meu horto?

Ai de mi!

Porque assi como vos vi,  
cegou minha alma e a vida;

e está tão fora de si,

qu'em partindo vós daqui,  
é partida.

MOÇA – Já perto sois de morrer:

donde nace esta sandice,  
que, quanto mais na velhice,  
amais os velhos viver?

E mais querida,

quando estais mais de partida.  
 é a vida que leixais?  
 VELHO – Tanto sois mais homecida.  
 que, quando amo mais a vida,  
 m a tirais.  
 Porque minh' hora d' agora  
 val vinte anos dos passados;  
 que os moços namorados  
 a mocidade os escora.  
 Mas um velho,  
 em idade de conselho,  
 de menina namorado...  
 Ó minh' alma e meu espelho!  
 MOÇA – Ó miolo de coelho  
 mal assado.

VELHO – Quanto for mais avisado  
 quem d' amor vive penando,  
 terá menos siso amando,  
 porque é mais namorado.  
 Em concrusão,  
 que amor não quer rezão,  
 nem contrato, nem cautela,  
 nem preito, nem condição,  
 mas penar de coração  
 sem querela.

MOÇA – Hulos esses namorados?  
 Desinçada é a terra deles:  
 olho mau se meteu neles:  
 namorados de cruzados,  
 isso si.

VELHO – Senhora, eis-me eu aqui,  
 que não sei senão amar.  
 meu rosto d'alfeni!  
 Qu'em forte ponto vos vi  
 neste pomar!

MOÇA – Que velho tão sem sossego!

VELHO – Que garridice me viste?

Mas dizei, que me sentiste,  
 remelado, nécio, cego?

Mas de todo  
 per mui namorado modo  
 me tendes minha senhora  
 já cego de todo em todo.

MOÇA – Bem está quando tal lodo  
 se namora.

VELHO – Quanto mais estais avessa,

mais certo vos quero bem.  
 MOÇA – O vosso hortalão não vem?  
 Quero-me ir, que estou de pressa.  
 VELHO – Ó fermosa,  
 toda minha horta é vossa.  
 MOÇA – Não quero tanta franqueza.  
 VELHO – Não per me serdes piedosa;  
 porque quanto mais graciosa,  
 sois crueza.  
 Cortai tudo sem partido;  
 senhora, se sois servida,  
 seja a horta destruída,  
 pois seu dono é destruído.  
 MOÇA – Mana minha,  
 achastes vós a daninha,  
 porque não posso esperar.  
 Colherei alguma cousinha,  
 somente por ir asinha  
 e não tardar.  
 VELHO – Colhei, rosa, dessas rosas,  
 minhas flores, colhei flores.  
 Quisera que esses amores  
 foram perlas preciosas,  
 e de nubis  
 o caminho por onde is,  
 e a horta d'ouro tal,  
 com labores mui sutis,  
 pois que Deus fazer-vos quis  
 angelical.  
 Ditoso é o jardim  
 que está em vosso poder:  
 podeis, senhora, fazer  
 dele o que fazeis de mim.  
 MOÇA – Que folgura!  
 Que pomar e que verdura!  
 Que fonte tão esmerada!  
 VELHO – N'água olhai vossa figura,  
 vereis minha sepultura  
 ser chegada.

MOÇA – «Cual es la niña  
 «que coge las flores,  
 «sino tiene amores.  
 «Cogia la niña  
 «la rosa florida,  
 «el hortelanico  
 «prendas le pedia,  
 «sino tiene amores.»

*Assi cantando colheu a Moça da horta, o que vinha buscar, e acabado, diz:*

Eis aqui o que colhi;  
 vede o que vos hei-de dar.  
 VELHO – Que m'haveis vós de pagar,  
 pois que me levais a mi?  
 o coitado!  
 Que amor me tem entregado  
 e em vosso poder me fino,  
 porque sou de vós tratado  
 como pássaro em mão dado  
 d'um menino.

MOÇA – Senhor, com vossa mercê...  
 VELHO – Por eu não ficar sem a vossa,  
 queria de vós uma rosa.  
 MOÇA – Uma rosa? pera quê?  
 VELHO – Porque são  
 colhidas de vossa mão,  
 leixar-m'eis alguma vida,  
 não isenta de paixão.  
 mas será consolação  
 na partida.

MOÇA – Isso é por me deter:  
 ora tomaí – acabar.

*Tomou-lhe o Velho a mão*

Jesu! e quereis brincar?  
 Que galante e que prazer!  
 VELHO – Já me leixais?  
 Lembre-vos que me lembrais  
 e que não fico comigo.  
 O maneiros infernais!  
 Não sei porque me matais,  
 nem o que digo.

*Vem um Parvo, criado do Velho, e diz:*

Dono, dizia minha dona  
 que fazeis vós cá té à noute?  
 VELHO – Vai-te dai, não t'açoute.  
 Oh! dou ó decho a chaçona  
 sem saber.  
 PARVO – Diz que fôsseis comer,  
 e que não moreis aqui.  
 VELHO – Não quero comer nem beber.  
 Parvo Pois que haveis cá de fazer?  
 VELHO – Vai-te d'hi.

PARVO – Dono, veio lá meu tio,  
estava minha dona – então ela  
foi-se-lhe o lume pola panela,  
senão acertá-lo acario.

VELHO – O Senhora,  
como sei que estais agora  
sem saber minha saudade!  
O senhora matadora,  
meu coração vos adora  
de vontade.

PARVO – Raivou tanto rosmeiar  
ó pesar ora da vida!  
Está a panela cozida,  
minha dona quer jentar:  
não quereis?

VELHO – Não hei-de comer, que me pés,  
nem quero comer bocado.

PARVO – E se vós, dono, morreis?  
Então depois não falareis,  
senão finado.

Então na terra nego jazer,  
então finir dono estendido,

VELHO – O quem não fora nacido,  
ou acabasse de viver.

PARVO – Assi, pardeus.  
Então tanta pulga em vós,  
tanta bichoca nos olhos,  
ali c'os finados sóis;  
e comer-vos-ão a vós  
os piolhos.

Comer-vos-ão as cigarras,  
e os sapos morreré, morreré.

VELHO – Deus me faz já mercê  
de me soltar as amarras.

Vai saltando, aqui te fico esperando:  
traze a viola e veremos.

PARVO – Ah corpo de São Fernando!  
Estão os outros jentando,  
e cantaremos?

VELHO – Quem fosse do teu teor,  
por não sentir tanta praga  
de fogo que não s'apaga  
nem abranda tanta dor!

Hei-de morrer.

PARVO – Minha dona quer comer;  
vinde eramá, dono, que brada.

Olhai, eu fui-lhe dizer  
dessa rosa e do tanger, e está raivada.

VELHO – Vai-te tu, filho Joanne,  
e dize que logo vou,  
que não há tanto que cá 'stou.

PARVO – Ireis vós pera Sanhoame  
polo céu sagrado,  
que meu dono está danado.  
Viu ele o demo no ramo.  
Se ele fosse namorado,  
logo eu vou buscar outr'amo.

*Vem a Mulher do Velho e diz:*

MULHER – Hui! amara do meu fado;  
Fernandeanes, que é isto?

VELHO – Ó pesar do Anticristo  
co'a velha destemp'rada!  
Vistes ora?

MULHER – Esta dama onde mora?  
Hui! amara dos meus dias!  
Vinde jentar na ma ora:  
que vos metedes agora  
em musiquias?

VELHO – Polo como de São Roque!  
comendo á demo a gulosa.

MULHER – Quem vos pôs hi essa rosa?  
Má forca que vos enforque!

VELHO – Não curar:  
fareis bem des vos tomar,  
porque estou mui mal sentido;  
não cure is de me falar,  
que não se pode escusar  
ser perdido.

MULHER – Agora co'as ervas novas  
vos tomastes vós granhão.

VELHO – Não sei que é, nem que não,  
que hei-de vir a fazer trovas.

MULHER – Que peçonha!

Havei ma ora vergonha  
a cabo de sessenta anos,  
que sondes já carantonha.

VELHO – Amores de quem me sonha  
tantos danos.

MULHER – Já vós estais em idade  
de mudardes os costumes.

VELHO – Pois que me pedis ciúmes,  
eu vo-lo farei verdade.

MULHER – Olhade a peça!

VELHO – Nunca o demo em ai m'empeça,  
senão morrer de namorado.

MULHER – Quer já cair da trepeça,  
e tem rosa na cabeça  
e imbicado.

VELHO – Leixai-me ser namorado,  
porque o sou muito em extremo.

MULHER – Mas que vos tome inda o demo,  
se vos já não tem tomado.

VELHO – Dona torta, acenar por essa porta  
velha mal aventurada.  
sair ma ora da horta.

MULHER – Hui amara! aqui sou morta,  
ou espancada.

VELHO – Estas velhas são pecados,  
Santa Maria Vai com a praga!  
Quanto as homem mais afaga,  
tanto são mais endiabradas.

*(canta)*

«Volvido nos han volvido,  
« volvido nos han  
«por una vecina mala  
«meu amor tolheu-me a fala,  
«volvido nos han.»

*Vem Branca Gil, alcoviteira, e diz:*

BRANCA – Mantenha Deus vossa mercê.

VELHO – Bofé, vós venhais embora.

Ah santa Maria senhora,  
como logo Deus provê!

BRANCA – Si aosadas.

Eu venho por misturadas,  
e muito depressa ainda.

VELHO – Misturadas mesandadas,  
que as fará bem guisadas vossa vinda.

O caso é: Sobre meus dias,  
em tempo contra rezão,  
veio Amor sobre tenção,  
e fez de mi outro Maneias,  
tão penado,

que de muito namorado  
creio que me culpareis  
porque tomei tal cuidado;  
e do velho destampado

zombareis.

BRANCA – Mas antes, senhor, agora  
na velhice anda o amor;  
o de idade d'amador  
de ventura se namora;  
e na corte  
nenhum mancebo de sorte  
não ama como soía.  
Tudo vai em zombaria;  
nunca morrem desta morte  
nenhum dia.

E folgo ora de ver  
vossa mercê namorado;  
que o homem bem criado  
té morte o há-de ser por direito  
não per modo contrafeito,  
mas firme, sem ir atrás,  
que a todo o homem perfeito  
mandou Deus no seu preceito:  
Amarás.

VELHO – Isso é o demo que eu brado,  
Branca Gil, e não me val,  
que não daria um real  
por homem desnamorado.  
Porém, amiga.  
se nesta minha fadiga  
vós não sois medianeira,  
não sei que maneira siga,  
nem que faça, nem que diga,  
nem que queira.

BRANCA – Ando agora tão ditosa,  
louvores à Virgem Maria,  
que acabo mais do que qu'ria,  
pola minha vida e vossa.  
D'antemão  
faço uma esconjuração  
c um dente de negra morta  
até que entre pola porta,  
que exorta  
qualquer duro coração.  
Dizede-me, quem é ela?

VELHO – Vive junto co'a Sé.

BRANCA – Já, já, já; bem sei quem é  
É bonita como estrela  
uma rosinha d'Abril,  
uma frescura de Maio,

tão manhosa, tão subtil!  
 VELHO – Acudi-me, Branca Gil,  
 que desmaio.

*Esmorece o Velho, e a alcoviteira começa a ladainha seguinte:*

BRANCA – Ó precioso Santo Arelhano,  
 mártir bem-aventurado,  
 tu que foste marteirado  
 neste mundo cento e um ano;  
 ó San Garcia  
 Moniz, tu que hoje em dia  
 fazes milagres dobrados,  
 dá-lhe esforço e alegria,  
 pois que és da companhia dos penados.  
 Ó apóstolo São João Fogaça,  
 tu que sabes a verdade,  
 pola tua piedade  
 que tanto mal não se faça.  
 Ó Senhor  
 Tristão da Cunha Confessor,  
 ó mártir Simão de Sousa,  
 polo vosso santo amor  
 livrai o velho pecador  
 de tal cousa.  
 Ó Santo Martim Afonso  
 de Melo, tão namorado,  
 dá remédio a este coitado,  
 e eu te direi um responso  
 com devação.  
 Eu prometo uma oração,  
 cada dia quatro meses,  
 porque lhe deis coração,  
 meu Senhor São Dom João  
 de Meneses.  
 O mártir Santo Amador  
 Gonçalo da Silva, vós,  
 vós que sois um só dos só  
 porfioso em amador  
 apressurado,  
 chamai o martirizado  
 Dom Jorge d'Eça a conselho,  
 dous casados n'um cuidado,  
 socorrei a este coitado  
 deste velho.  
 Arcanjo São Comendador  
 Mor d'Avis, mui inflamado,  
 que antes que fôsseis nado  
 fostes santo no amor.  
 E não fique

o precioso Dom Anrique  
 outro Mor de Santiago;  
 socorrei-lhe muito a pique;  
 antes que o demo repique  
 com tal pago.

Glorioso São Dom Martinho,  
 Apóstolo e Evangelista,  
 tomai este feito à revista,  
 porque leva mau caminho,  
 e dai-lhe espirito.

Ó santo Barão d'Alvito,  
 Serafim do Deus Cupido,  
 consolai o velho aflito;  
 porque inda que contrito,  
 vai perdido.

Todos santos marteirados,  
 socorrei ao maneirado,  
 que morre de namorado,  
 pois morreis de namorados.

Polo livrar  
 as Virgens quero chamar,  
 que lhe queiram socorrer,  
 ajudar e consolar,  
 que está já pera acabar  
 de morrer.

Ó santa Dona Maria  
 Anriques, tão preciosa,  
 queirais-lhe ser piedosa  
 por vossa santa alegria.  
 E vossa vista,  
 que todo o mundo conquista,  
 esforce seu coração,  
 porque à sua dor resista,  
 por vossa graça e bem quista  
 condição.

Ó santa Dona Joana  
 de Mendonça, tão formosa,  
 preciosa e mui lustrosa,  
 mui querida e mui oufana,  
 dai-lhe vida,  
 como outra santa escolhida,  
 que tenho em voluntas mea,  
 seja de vós socorrida,  
 como de Deus foi ouvida  
 a Cananea.

Ó santa Dona Joana  
 Manuel, pois que podeis,  
 e sabeis e mereceis  
 ser angélica e humana,  
 socorrê.

E vós, Senhora, por mercê,  
 ó santa Dona Maria  
 de Calataúd, porquê  
 vossa perfeição lhe dê  
 alegria.

Santa Dona Caterina  
 de Figueiró a Real,  
 por vossa graça especial,  
 que os mais altos inclina;  
 e ajudará

santa Dona Beatriz de Sá:  
 dai-lhe, Senhoras, conforto,  
 porque está seu corpo já  
 quase morto.

Santa Dona Beatriz  
 da Silva, que sois aquela  
 mais estrela que donzela,  
 como todo o mundo diz;  
 e vós sentida

santa Dona Margarida  
 de Sousa, lhe socorrê,  
 se lhe puderdes dar vida,  
 porque está já de partida,  
 sem porquê.

Santa Dona Violante  
 de Lima, de grande estima,  
 mui subida, muito acima  
 d'estimar nenhum galante;  
 peço-vos eu,  
 e a Dona Isabel d'Abreu,  
 que hajais dele piedade  
 c'o siso que Deus vos deu,  
 que não moura de sandeu  
 em tal idade.

Ó santa Dona Maria d'Ataíde,  
 fresca rosa, nascida em hora ditosa,  
 quando Júpiter se ria;  
 e se ajudar

santa Dona Ana, sem par,  
 d'Eça bem-aventurada,  
 podei-lo ressuscitar,  
 que sua vida vejo estar  
 desesperada.

Santas virgens conservadas  
 em mui santo e limpo estado,  
 socorrei ao namorado,  
 que vos vejais namoradas.

VELHO – Ó coitado!

Ai triste desatinado  
 ainda torno a viver;

cuidei que já era livrado,  
 BRANCA – Qu'esforço de namorado  
 e que prazer!  
 Havede ma ora aquela.  
 VELHO – Que remédio me dais vós?  
 BRANCA – Vivireis, prazendo a Dues,  
 e casar-vos-ei com ela.  
 VELHO – É vento isso,  
 Branca -Assi veja o paraíso,  
 que não é ora tanto extremo,  
 Não curedes vós de riso,  
 que se faz tão improviso  
 como o demo:  
 e também d'outra maneira,  
 se m'eu quiser trabalhar...  
 VELHO – Ide-lhe, rogo-vo-lo, falar,  
 e fazei com que me queira,  
 que pereço;  
 e dissei-lhe que lhe peço  
 se lembre que tal fiquei  
 estimado em pouco preço:  
 e se tanto mal mereço  
 não no sei.  
 E se tenho esta vontade,  
 que não se deve enojar,  
 mas antes muito folgar  
 matar os de qualquer idade...  
 E se reclama  
 que sendo tão linda dama  
 por ser velho m'aborrece,  
 dissei-lhe que mal desama,  
 porque minh'alma, que a ama,  
 não envelhece.

BRANCA – Sus, nome de Jesu Cristo,  
 olhai-me pola cestinha.  
 VELHO – Tomai logo muito asinha,  
 que eu pagarei bem isto.

*Vai-se a alcoviteira e fica o Velho tangendo, e cantando a cantiga seguinte:*

«Pues tengo razon, señora,  
 «razon es que me la oiga.»

*Vem a alcoviteira e diz o*

VELHO – Venhais embora, minha amiga.  
 BRANCA – J'ela fica de bom jeito;  
 mas pera isto andar direito,  
 é razão que vo-lo diga.

Eu já, senhor meu, não posso  
 vencer uma moça tal  
 sem gastardes bem do vosso,  
 VELHO – Eu lhe peitarei em grosso.  
 BRANCA – Hi está o feito nosso,  
 e não em ai.  
 Perca-se toda a fazenda  
 por salvardes vossa vida.  
 VELHO – Seja ela disso servida,  
 qu'escusada é mais contenda,  
 Branca Deus vos ajude  
 e vos dê muita saúde,  
 que isso haveis de fazer:  
 que viola nem alaúde  
 nem quantos amores pude  
 não quer ver.  
 Remoçou-me ela um brial  
 de seda e uns toucados.  
 VELHO – Eis aqui trinta cruzados;  
 que lh'o façam mui real.

*Enquanto a Alcoviteira vai, o Velho torna a prosseguir seu cantar e tanger, e acabado, torna ela e diz:*

BRANCA – Está tão saudosa de vós,  
 que se perde a coitadinha:  
 há mister uma vasquinha  
 e três onças de retroz.  
 VELHO – Tomai  
 BRANCA – A bênção de vosso pai.  
 (Bô namorado é o tal)  
 pois que gastais, descansai:  
 namorados de ai ai  
 não são papa nem são sal.  
 Hui! tal fora se me fora.  
 Sabeis vós que m'esquecia?  
 Uma adela me vendia  
 um firmal d'uma senhora  
 c'um rubi, pera o colo de marfi,  
 lavrado de mil labores,  
 por cem cruzados.  
 VELHO – Ei-los hi.  
 BRANCA – Isto ma ora, isto si,  
 são amores.

*Vai-se, e o Velho torna a prosseguir sua música, e acabada torna a alcoviteira e diz:*

BRANCA – Dei ma ora uma topada;  
 trago as sapatas rompidas,  
 destas vindas, destas idas,

e em fim não ganho nada.

VELHO – Eis aqui  
dez cruzados pera ti.

BRANCA – (Começo com boa estreia.)

*Vem um Alcaide com quatro beleguins, e diz.*

ALCAIDE – Dona, levantai-vos d'hi.

BRANCA – E que me quereis vós assi?

ALCAIDE – À cadeia.

VELHO – Senhores homens de bem,  
escutem vossas senhorias.

ALCAIDE – Deixai essas cortesias.

BRANCA – Não hei medo de ninguém:  
vistes ora?

ALCAIDE – Levantai-vos d'hi senhora;  
dai á demo esse rezar:

quem vos fez tão rezadora?

BRANCA – Deixai-m'ora na ma ora  
aqui acabar.

ALCAIDE – Vinde da parte d'El-Rei.

BRANCA – Muita vida seja a sua.

Não me leveis pola rua;

Leixai-me vós qu'eu m'irei.

VELHO – Sus, andar.

BRANCA – Onde me quereis levar?

Ou quem me manda prender?

Nunca havedes d'acabar

de me prender e soltar?

Não há poder.

ALCAIDE – Não se pode hi ai fazer.

BRANCA – Está já a carocha aviada.

Três vezes fui já açoutada,

e enfim hei-de viver.

*Levam-na presa, e fica o Velho dizendo:*

VELHO – Ó forte hora!

Ah santa Maria Senhora!

Já não posso livrar bem;

cada passo se empeora.

Oh! triste quem se namora

de ninguém!

*Vem uma Mocinha à hora e diz:*

MOCINHA – Vedes aqui o dinheiro;

manda-me cá minha tia,

que assi como n'outro dia,  
lhe mandeis a couve e o cheiro.

(Está pasmado!)

VELHO – Mas estou desatinado.

MOCINHA – Estais doente, ou que haveis?

VELHO – Ai! não sei, desconsolado,  
que naci desventurado.

MOCINHA – Não choreis;  
mais mal fadada vai aquela.

VELHO – Quem?

MOCINHA – Branca Gil.

VELHO – Como?

MOCINHA – Com cent'açoutes no lombo,  
e uma carocha por capela.

E ter mão;

leva tão bom coração,  
como se fosse em folia.

O que grandes que lh'os dão!

VELHO – E o triste do pregão  
porque dizia?

MOCINHA – Por mui grande alcoviteira,  
e pera sempre degradada.

vai tão desavergonhada,  
como ia a feiticeira.

E quando estava

uma moça que casava  
na rua pera ir casar,  
e a coitada que chegava,  
a folia começava  
de cantar:

*Uma moça tão fermosa,  
que vivia ali à Sé...*

VELHO – Ó coitado! a minha é.

MOCINHA – Agora ma ora é vossa,  
vossa é a treva.

Mas ela o noivo a leva:  
vai tão leda, tão contente,  
uns cabelos como Eva.

Osadas que não se lhe atreve  
toda a gente.

O noivo, moço tão polido,  
não tirava os olhos dela,  
e ela dele, á que estrela!

É ele um par bem 'scolhido.

VELHO – Ó roubado.

da vaidade enganado,  
da vida e da fazenda!

O velho, siso enleado,

quem te meteu, desastrado,  
em tal contenda?  
Se os jovens amores,  
os mais tem fins desastrados,  
que farão as cãs lançadas  
no conto dos amadores!  
Que sentias,  
triste velho, em fim dos dias,  
se a ti mesmo contemplaras,  
souberas que não sabias,  
e viras como não vias,  
e acertaras.

Quero-m'ir buscar a morte,  
pois que tanto mal busquei.  
Quatro filhas que criei,  
eu as pus em pobre sorte.  
Vou morrer,  
elas hão-de padecer,  
porque não lhes deixo nada  
de quanta riqueza e haver  
fui sem razão dispendido  
mal gastada.

\*\*\*\*\*

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 1999

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*